

Cartas de afeto para as margens do Amazonas

Letters of affection to the banks of the Amazon

VIGA GORDILHO

Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Salvador, BA, Brasil

RESUMO

As Cartas de Afeto são obras em arte têxtil, em pequenos formatos, de 10 X 10 cm. Neste artigo, rememoram as margens fluviais do rio Amazonas, com suas árvores frondosas em infinitos matizes verdes, suas transparências e reflexos nas águas. Dedico as Cartas ao rio Amazonas, como proteção, como memória, como gênese de civilização, caminho de água e fronteira territorial. Recolhi coisas bonitas que encontrei pelos caminhos – lãs, linhas, contas, tecidos, galhos, folhas e cipós. Apresento aqui algumas Cartas de Afeto, com fibras tingidas com plantas tintoriais, buscando o entrelaçamento da matéria, da memória e do conceito. Cada Carta tem sete camadas, como os sete mares que recebem as águas fluviais e banham nosso planeta. Trago aproximações com as obras da artista Valeria Scornaienchi e do artista Hugo Fortes. A imagem espelha meu contato com o real. Cada pequena obra como uma impressão, um rastro, um traço visual de um tempo que agora toco, como nos fala Didi-Huberman, nessas imagens que tangenciam o real.

PALAVRAS-CHAVE

Carta, afeto, rios, memória e floresta

ABSTRACT

The Letters of Affection are works of textile art, in small formats, measuring 10 x 10 cm. In this article, they recall the riverbanks of the Amazon River, with its leafy trees in infinite shades of green, their transparency and reflections on water. I dedicate the Letters to the Amazon River, as protection, as memory, as civilization genesis, water route and territorial border. I collected beautiful things that I found along the way – wool, threads, beads, fabrics, branches, leaves and vines. Here I present some Letters of Affection, with fibers dyed with plants, seeking to intertwine matter, memory and concept. Each Letter has seven layers, like the seven seas that receive the river waters and bathe our planet. I seek connections with the works of artist Valeria Scornaienchi and the artist Hugo Fortes. The image mirrors my contact with the real. Each small work is like an impression, a visual trace of a time that I now get in touch with, as Didi-Huberman tells us, in these images that touch reality.

KEYWORDS

Letter, affection, river, memory and forest

Nascentes poéticas

Faz muitos anos que conheci Manaus, jamais esquecerei o encontro do rio Solimões com o rio Negro próximo a esta capital amazonense, dando origem ao maior curso d'água brasileiro e mais extenso do mundo: o rio Amazonas¹. Ele nasce nos Andes, e vai até o mar, carregando consigo, histórias de mulheres guerreiras e muitos segredos.

1 O rio Amazonas, localizado na América do Sul, é o maior rio em vazão de água da Terra e o segundo mais extenso do mundo, após o Rio Nilo. Com 6 992,06 quilômetros, percorre o norte da América do Sul, a floresta amazônica e deságua no Oceano Atlântico. Possui mais de mil afluentes, sendo que alguns deles, como o Madeira, o Negro e o Japurá, estão entre os 10 maiores rios do planeta.

Recordo que quando adentrei naquela primeira vez na floresta, e molhei os meus pés nas margens do rio, senti um cheiro intenso de mata fresca, seus reflexos nas águas, infinitos matizes das árvores, que em analogia as águas esverdeadas, banhavam o meu corpo. Floresta densa, um abrigo de Vida.

Guardei para sempre aquelas sensações. Era final da década de 1970, quando concluía o meu curso de Graduação na Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e anos depois, preparava a primeira exposição individual, “Maninho” (Figura 1). Hoje posso perceber que aquelas sensações ecoaram nas 21 telas que pintei para a referida mostra, que se tornaram seminal para a minha trajetória poética.



Figura 1. Viga Gordilho, 1980, pintura óleo, 80 x 60 cm. Fonte: Coleção Particular.

Essa série pictórica me fez refletir sobre a poluição dos rios, a extinção de algumas espécies animais e a necessidade de preservação da floresta amazônica. A mostra foi tão significativa, que se transformou em peça teatral, transladando as pinturas para o tempo e espaço do palco, dirigido pelo diretor baiano Fernando Guerreiro. Permaneceu em cartaz por muitos meses no extinto teatro Maria Bethânia. Essa experiência foi gratificante, especialmente por ter os meus poemas musicados

pela musicista, também baiana, Carmen Meeting e poder ver os meus trabalhos em tridimensionalidade, o que me levou a criar Instalações.

Sob essas trilhas, a natureza adentrou definitivamente ao processo criativo, tornando-se matéria, memória e conceito, entrelaçados nas minhas imagens, e as palavras, silenciosamente, passaram a ser minhas companheiras. Acredito que me tornei o apanhador de desperdícios, como nos fala o poeta mato-grossense Manoel de Barros (1916-2014):

Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim um atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior que o mundo. Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas. Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática. Só uso a palavra para compor meus silêncios (Barros, 2003, p. 9).

Assim, para refletir neste artigo, sobre o processo criativo da série Cartas de Afeto, é significativo, inicialmente, tecer breves reflexões sobre os quintais que vivi, pois as memórias vão e vêm, como a luz dos vaga-lumes, pois, enquanto estou escrevendo este texto, acendem lembranças imagéticas, “lampejos de inocência”, como os pirilampos que povoam a escrita, sob a luz do filósofo francês, Didi-Huberman (1953), em “Sobrevivência dos vaga-lumes”, um dos autores que me ajudaram a refletir para escrever este artigo.

O espaço todo é salpicado – constelado, infestado – de pequenas chamas que parecem vaga-lumes, exatamente como aqueles que as pessoas do campo, nas belas noites de verão, veem esvoaçar, aqui e ali, ao acaso de seu esplendor, discreto, passante, tremeluzente. (Didi-Huberman, 2011, p.11).

Sob esses “lampejos de inocência”, caminho no imaginário, revisitando os jardins, quintais e pomares que existiam nos arredores do sobrado, em estilo eclético, datado de 1912, onde moravam meus avós maternos. Localizado na rua da Linha, no Recôncavo baiano. Atualmente as memórias desse lugar são fortes em minha vida-arte, são existenciais, biográficas em si mesmas, permitindo-me, por vezes, fabulações com lembranças “inventadas”, como nos fala Barros (2003), às vezes roubadas de meus irmãos, facilmente contaminadas pelas histórias contadas por eles. Pois, ainda pequena, sendo a quarta de cinco irmãos, experienciei o afeto nos

primeiros anos da infância, morando com minha avó materna. Ela tocava piano, violino, bordava lindamente, cuidava dos jardins e era também uma colecionadora de objetos. Com ela, convivi intensamente com a natureza. Diariamente, adentrávamos nos quatro porões existentes na casa, onde eram armazenados frascos, tampas, garrações de vidro, cestas, fumo de corda, folhas, sementes, cereais... Ainda posso sentir o cheiro! Verdadeiros arquivos, onde se dizia que fantasmas rondavam. Eram porões repletos de caixinhas e mistérios, com teias de aranha para prender os curiosos, visíveis nos quatro óculos que existiam na fachada (Figura 2).

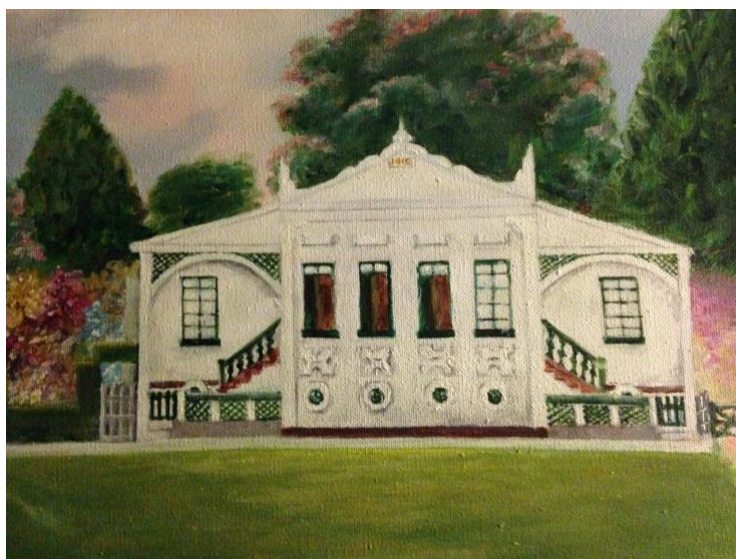


Figura 2. Pintura do sobrado realizada por minha mãe, 2010. Fonte: acervo da artista.

Esses arquivos-memória desenham-se interna e externamente no meu universo criativo, como portas de *Pejis*², transformando-se em compartimentos sagrados que imortalizam a contemplação lúdica daqueles territórios singulares, os quais reconfiguro hoje para uma dinâmica dual – espaço e tempo –, desvelando e revelando seus segredos em signos particulares, numa contínua transcodificação matérico-simbólica. O lugar, chamado Chácara Conceição, era povoado por gente simples, que conservava o potencial de transformar aquilo que se encontrava ao lado da morada, no mato, à beira dos regatos: argila, terra vermelha *tauá*³, fumo, fibras e muitos outros materiais. No lado esquerdo, havia o jardim; no direito, o pomar. E no quintal, a casa de farinha, onde se tratava a mandioca. Havia, ainda, garagem de

2 Altar de terreiro de candomblé, localizado em quarto privado; pequeno relicário do povo africano.

3 Palavra indígena: argila aluvial colorida com hematita e óxido de ferro; excelente pigmento vermelho

manocagem de fumo, chiqueiro, galinheiro, cisterna, um tanque de água coberto de musgos, inúmeras árvores frutíferas e a maior preciosidade – o rio Paraguaçu⁴.

Foram certamente, com essas experiências que me tornei uma catadora de objetos nas margens fluviais – pedras, galhos, folhas, sementes e coisas corroídas pelas águas, tive a certeza que “Meu quintal é maior que o mundo”, mais uma vez referenciando o poema “O apanhador de desperdícios” (Barros, 2003). Tudo que me encanta e olha pra mim pedindo para ser coletado. Essa atração por coleta de objetos, me faz pensar de outro livro de Huberman, *O que vemos, o que nos olha*, nos coloca num dilema de dois caminhos, a partir de uma cisão do ver: ao estar diante de uma imagem, podemos escolher nos aproximar da coisa que vemos. Nesse sentido, seria um exercício tautológico, de afirmação rasa como “o sal é salgado”, o que é matéria é material, o que se vê é o que se vê, e pronto, parafraseando a pesquisadora Fabiana Pedroni ([2021]), quando ela resenha sobre “O que vemos, o que nos olha, ou, a silhueta que somos”. Por outro lado, posso escolher por aquilo que me olha, como um exercício do olhar. Talvez, imaginando uma possível transformação, naquilo que me olha. No exemplo da tumba que Huberman referencia no seu livro, o volume apresentado por ele é apenas objeto, descontextualizado, sem relação com aquele que olha. O que se vê, pelo exercício da crença é o corpo semelhante, aquilo que me olha. Assim tem-se um “Nada ver, para crer em tudo” (Didi-Huberman, 1998, p. 42).

Nas décadas posteriores, esses arquivos preciosos foram se ampliando, enquanto caminhava por outras margens, dando origem a inúmeros projetos coletivos e individuais, publicados em tese, revistas, anais, livros e exposições que venho realizando em Museus, Galerias e outros Espaços Culturais no Brasil, África do Sul e em alguns países da Europa (Figuras 3, 4 e 5).

⁴ Paraguaçu (do tupi) vem da corruptela Peruassu, que significa “rio grande”, ou “mar grande”. O nome do rio Paraguaçu foi atribuído em homenagem a Catarina Paraguaçu, indígena que se casou com o português Diogo Álvares Correia, apelidado Caramuru (em tupi, “homem do fogo e do trovão”).



Figuras 3 e 4. – Viga Gordilho, 2013. Arquivo e a “Floresta protegida”: galhos de Ipê, Vinhático, Peroba Rosa, Maçaranduba, Jacarandá, Cerejeira e Gonçalves. Obra têxtil com fibras naturais. 50 x 20 cm. Coleção da artista. Crédito da imagem: Ana Kruschewsky.



Figura 5. – Viga Gordilho, 2019. "Entre folhas". Folhas sobrepostas: manga rosa/carlotá, graviola, tamarindo, mogno, seriguela, erva cidreira, pitanga, goiaba, acerola, gengibre, canela, ouro/cobre, costuradas em fibras tingidas de café, acondicionadas em caixa de acrílico. 15X15x5 m. Mostra Feituras e Leituras | O. Livro.de.Artista na Cooperativa Árvore no Porto/Portugal. Fonte: acervo particular.

Em 2020, defendi remotamente o Memorial para a passagem a professor Titular e publiquei o meu Memorial: *ComparTRILHamentos Poéticos*⁵. Vivíamos a pandemia e essa me levou a profundas reflexões e a aposentadoria da Universidade. Precisava ficar mais tempo no ateliê, em “Estado da Arte”. Entretanto, essa ainda não migrou de mim, pois aceitei o convite e continuei no Programa de Pós-Graduação, atendendo ao Programa Especial de Participação de Professores Aposentados (PROPAP), através deste pesquisa, oriento e a cada semestre ímpar, ministro a disciplina “Documentos de Percurso: Registros e Reflexões em Processos Criativos”, a qual me motiva junto aos estudantes, a buscar outras margens fluviais. Como foram muitas, acredito que este caminhar entre culturas tão distintas, somada a essas memórias de 50 anos em arte, levou-me a pensar em fazer uma espécie de síntese da minha vida-arte. Nessas vertentes, desde março de 2024, iniciei a escrita poética das Cartas de Afeto para margens fluviais por onde passei, sob a luz de Manuel de Barros (2003): “Não gosto das palavras fatigadas de informar. [...] “só uso a palavra para compor meus silêncios”. Sim, as Cartas de Afeto velam, silenciosamente, uma folha sagrada para proteção, como um *patuá*⁶.

Para cada Carta, uma margem, onde falo de peculiaridades percebidas, vividas em cada experiência, o que me leva a contar essas histórias repletas de questionamentos, através de pequenos vídeos publicados a cada sexta-feira no meu Instagram.

Na tentativa de colher respostas, acreditando que toda experiência deixa indícios, rastros e memórias, escutei Jorge Bondía Larrosa, professor de Filosofia do Departamento de Teoria e História da Educação da Universidade de Barcelona, que faz a seguinte reflexão acerca da experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece,

5 ComparTRILHamentos: Neologismo que me foi apresentado no 19º Encontro da ANPAP, pelas artistas Lilian Amaral http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/lilian_amaral_nunes.pdf e Lucimar Bello, http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/lucimar_bello_pereira_frange.pdf, enfatizando trilhas ou caminhos compartilhados

6 Pequenos saquinhos, bordados na beirada com ponto dente de cão, que guardam segredos para proteção, como folhas sagradas e pombas

escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 12).

Assim, cultivando “a atenção e a delicadeza”, aqui estou rememorando meu caminhar, que talvez, seja, simbolicamente, uma tentativa de tratar e curar as cicatrizes, que ameaçam o rio Amazonas. Em agosto de 2024, assolada por uma seca extrema, as queimadas estiveram fora de controle no bioma, produzindo uma nuvem de fumaça sobre vastas áreas, que ao longo do mês se espalharam por outras áreas do país, a milhares de quilômetros de distância, atingindo pelo menos 11 estados, mas, o rio Amazonas, esse gigante silencioso, continuou cortando a América, com seu curso persistente. Um rio sagrado, que nos faz refletir, sobre a urgência da preservação.

Diante dessas catástrofes, passei a suturar as obras como fios vermelhos, sinalizando o perigo da construção de barragens, de estradas, fogo, mineração, caça ilegal, pesca indevida, poluição das águas, exploração madeireira e mudanças climáticas que impactam os vários ecossistemas amazônicos, a sua flora e fauna onde ainda se pode ver as inúmeras espécies de peixes pulsando, nas correntes fortes, os pássaros cantando, nas margens floridas. Entretanto, me pergunto: até quando?

Nessas correntes de pensamentos, as Cartas, para mim, simbolizam também uma forma de agradecimento à vida, por tantas experiências, por tantos comparTRILHamentos nas práticas vividas e axialmente relacionadas às atividades acadêmicas – na tríade ensino, pesquisa e extensão – desenvolvidas na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, por mais de três décadas. Talvez sejam ex-votos, ou mesmo *patuás*, como já referenciei, *vinde* do outro lado do mar, ou quiçá, nascido entre grupos indígenas, como pequenas cestas para guardar sementes em um movimento Intercultural, pois a cultura é viva. Entretanto, na primeira vez que fui para as margens do rio *Orange*, na África do Sul, conheci as *Love letters*, entre as mulheres da cultura *zulu*. Elas usavam para guardar o nome do amado, acreditando numa possibilidade futura de atração amorosa. Acredito, assim, que esses entrecruzamentos culturais se somaram a gênese de minhas Cartas de Afeto, conforme apresento a seguir (Figura 6).



Figura 6 – Patuás, bolsinhas de guardar as palavras do alcorão, escapulários, *love letter*, *omamori* e *bead craft*. Saquinhos de proteção em distintas culturas, com padrões e tamanhos diferentes. Fonte: dados da pesquisa da autora.

Sob esses fluxos e refluxos de ideias, como nos diz mais uma vez Georges Didi-Huberman:

Frequentemente, nos encontramos, portanto, diante de um imenso e rizomático arquivo de imagens heterogêneas difícil de dominar, de organizar e de entender, precisamente porque seu labirinto é feito de intervalos e lacunas tanto como de coisas observáveis. Tentar fazer uma arqueologia sempre é arriscar-se a pôr, uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vêm de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome imaginação e montagem. (Didi-Huberman, 2011, p. 211).

Assim, vou tentando fazer uma arqueologia artística, tecendo essas obras em pequenos formatos, de 10 X 10 cm, rememorando as margens fluviais por onde passei como estudante, professora visitante, artista residente ou simplesmente caminhante. Trago o rio como memória, gênese de civilização, caminho de água e fronteira

territorial. Recolho coisas bonitas que encontro pelos caminhos, para criar no total, uma série de 365 Cartas de Afeto, uma para cada dia do ano. Escrevo com fibras, lãs, contas, tecidos, pigmentos, corantes e símbolos capturados em cada lugar vivenciado. Cada Carta tem sete camadas, como os sete mares que recebem as águas fluviais e banham nosso planeta. A imagem espelha meu contato com o real. Trago cada pequena obra como uma impressão, um rastro, um traço visual de um tempo que agora toco, como nos fala Didi-Hubermann, nessas imagens que tangenciam o real.

Margens verdes

As pesquisas foram se transformando, mas, a essência sempre esteve pulsante: a natureza. Entrei na arte têxtil como entro na pintura. Não existem fronteiras entre as linguagens que utilizo, pois gosto de transitar entre a arte têxtil e várias técnicas de pintura, escutando cada material, explorando suas possibilidades. A poética, foi gradativamente, emaranhando-se entre cipós, palavras, pigmentos, corantes, fibras, cores, contas, fragilidades e transparências, para que a luz atravessasse as entranhas das fibras tingidas com folhas tintoriais, assim como atravessam as folhagens das copas das árvores na Floresta Amazônica (Figuras 7 e 8).



Figura 7e 8 – Viga Gordilho, 2025. Documentos de percurso no atelier. Processo de tingimento e fibras tingidas com folhas tintoriais para obtenção de diferentes matizes verdes. Fonte: acervo da artista.

Portanto, para este artigo, escolhi apresentar algumas Cartas de Afeto, com matizes verdes, dedicadas as margens dos Amazonas, aproximando-me de outros

artistas que também fotografam e pintam imagens amazônicas, em luta pela proteção da floresta.

Inicialmente, mostro uma imagem fotográfica registrada recentemente pela artista campinense Valéria Scornaienchi, quando navegava de barco de Breves a Gurupá, em um furo do rio Amazonas-Furo do Itaquara (Figura 9). O trecho que se segue são anotações de diário cedidas pela artista, em 15 de janeiro de 2025.



Figura 9 – Furo do Itaquara, rio Amazonas, 2025. Foto: Valeria Scornaienchi.

A primeira noite no hotel foi estranha. Depois de três dias no barco confesso que o corpo sentiu falta do balanço, do ritmo e até do barulho do motor. Demorei pra dormir. Uma mistura de sentimentos. Parece que ficou uma falta do que nem bem acabou. Uma experiência muito intensa de corpo, visual, de afeto-rio. Não sei nem explicar ao certo.

Ainda vejo as casas de palafita ao fechar os olhos. As crianças nas canoas, o rio que desaguou em mim e me encheu de sentimentos e sentidos outros de estar no mundo.

Histórias que ouvi, pessoas de passagem sem busca, só estando indo e vindo de algum lugar como estado de ser migratório, impermanente, em fluxo.

Gesto de vidas que se intercalam por apenas três dias e agora se carregam umas às outras para todo o sempre. Desconhecidos que se reconhecerão na memória curta de um estado de barco.

Acolho a mim mesma, para tentar segurar os sentidos que me faltam para expressar o que me parece mais do corpo e menos da mente.

O que as palavras nem sempre alcançam. (Trecho do diário de Valéria Scornaienchi)

Como a imagem fotográfica indiciada por Valeria, as imagens das Cartas aqui apresentadas, acolhem também um “afeto-rio”, como proteção, que às vezes se ocultam na urdidura da poética, mas também podem se espelhar na trama dos

espaços e situações idealizadas. O conceito é para manter vivo um diálogo vivo com o afeto e o rio Amazonas, que constitui, na obra, os infinitos matizes verdes da floresta que se espelham nas águas, ou, por vezes adormecem no fundo do rio como lodo, abrindo inúmeros afluentes (Figuras 10 e 11).

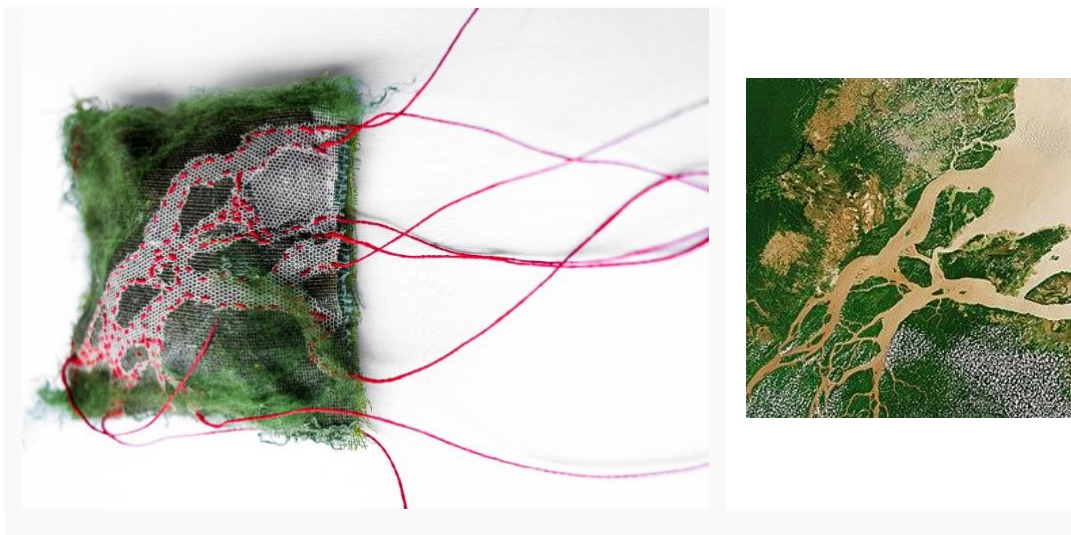


Figura 10 e 11. Viga Gordilho, 2025. Carta de Afeto para as margens do Amazonas (detalhe). Imagem de satélite do Delta do Amazonas entre os estados do Pará e do Amapá na região norte do Brasil. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Amazonas. Crédito da imagem: Ana Kruschewsky.

Observando essa foto de satélite do Delta do Amazonas, percebendo as texturas distintas, usei fibras com diferentes gramaturas para criar cada módulo, como uma espécie de nicho para divagações e reflexões. Busquei neles uma orfandade da memória que se criaram ligados umbilicalmente às águas fluviais, pois o que seria da ideia do afeto sem a imagem da água? Segundo Bachelard (1997, p. 15), a água acolhe todas as imagens da pureza.

Outra obra que trago para conversar com a minha produção, é a pintura do artista paulista Hugo Fortes. Venho acompanhando a sua inserção na pintura desde o início quando pintou suas primeiras aquarelas na série “Florestas do Isolamento”. Essas se referem a cenas captadas pelo artista na residência artística Labverde em 2018 e transformadas em pintura a partir de 2020, durante o isolamento social da pandemia da covid 19. Já a série Mamirauá (Figura 12), surgiu de uma outra visita do artista à Amazônia em 2022, na região do Solimões, na floresta alagada da Reserva Mamirauá. Em ambas as séries, as sensações de adentrar a mata em universos flutuantes e sublimes arrebataram o artista. “Para se pintar a floresta, deve-se abandonar os cânones da composição da pintura de paisagem para imergir numa

explosão de verdes e marrons e deixar-se levar pelos sons, cheiros e sensações corporais que a mata revela”. Palavras ditas por Hugo Fortes, em entrevista realizada em 19 de janeiro de 2025. Parece que ele traz a floresta até nós, com as suas grandes telas. Com um recorte pictórico da biodiversidade da flora, Hugo pinta um santuário, para resgate da vida.

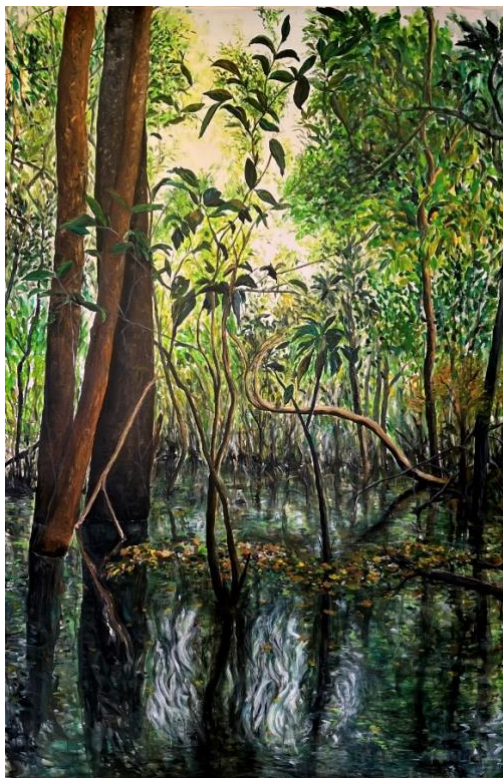


Figura 12. Hugo Fortes, 2023. Série Mamirauá, acrílica sobre tela, 2,50 x 1,80 m. Crédito da imagem: Hugo Fortes.

Ainda em 2022, Fortes realizou outras imagens em que aponta para aspectos trágicos que tem acontecido frequentemente na Amazônia. Através da obra "Nem todo Boto é Cor-de-Rosa", o artista faz referência à grande quantidade de botos que foram encontrados mortos na região da reserva Mamirauá devido ao aquecimento global e à seca na Amazônia (Figura 13).



Figura 13. Hugo Fortes, 2023. “Nem todo Boto é Cor-de-Rosa”. Aquarela sobre papel. 0,75 x 1,10 m. Crédito da imagem: Hugo Fortes.

Essas imagens de Hugo Fortes trouxeram-me muitas inquietações, ao tempo em que surgiu um novo questionamento durante o meu percurso de criação: Como falar de dor, quando se quer trazer o conceito de proteção para as águas fluviais? Na tentativa de potencializar a matéria como memória e conceito, percebi que não bastava tingir os tecidos com folhas, e sinalizar as cicatrizes com linha vermelha, então, recolhi algumas folhas de fumo e as imprimir sobre uma fibra com urdiduras e tramas bem finas. Em seguida, bordei a nervura principal também com linha vermelha e fui recortando pequenos retalhos para formatar as capas das Cartas. Precisava potencializar o perigo na fragmentação da natureza. (Figura 14).

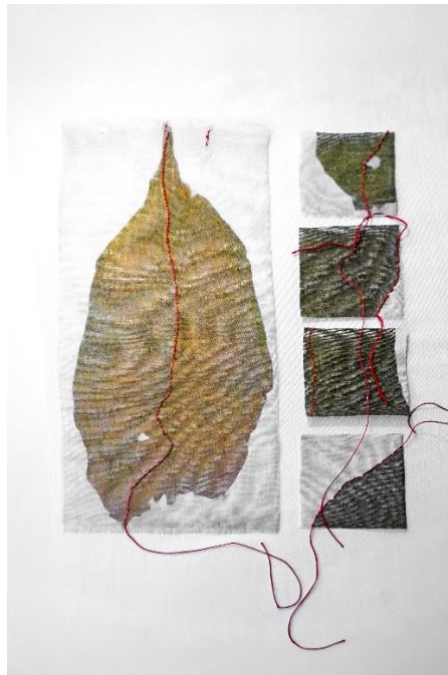
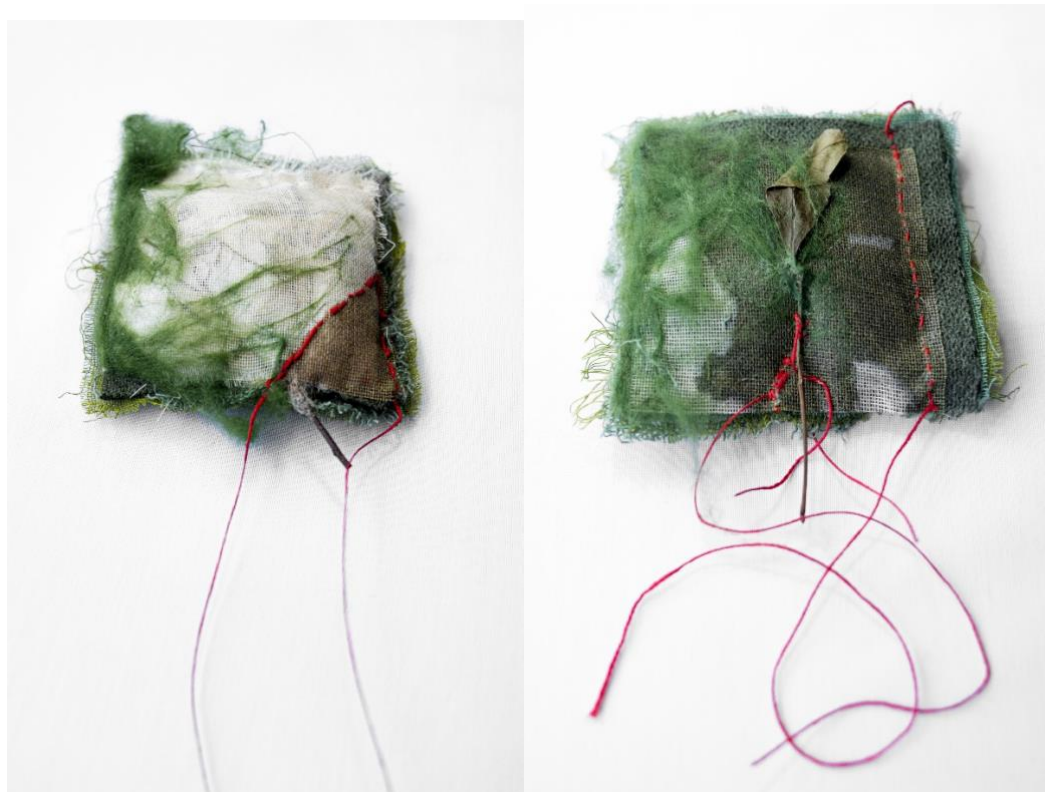


Figura 14. Viga Gordilho, 2025. Folha de fumo impressa sobre fibra, com recortes quadrados, os quais formataram as capas das Cartas de Afeto. Crédito da imagem: Ana Kruschewsky.

Após estes pequenos recortes quadrados, fui escolhendo outros retalhinhos dos tecidos tingidos e intercalando as sete camadas com as coisas do arquivo (Figuras 15 e 16).



Figuras 15 e 16. Viga Gordilho, 2025. “Carta de Afeto para as margens do Amazonas”. Fibras pintadas, tingidas, bordadas com linha vermelha, onde se pode ver galinhos e uma folha de aroeira. 10 x 10 cm. Crédito da imagem: Ana Kruschewsky.

Percebi que esses trabalhos em pequenos formatos, expressam meu sentir, em uma narrativa poética ainda em processo. Digo processo, pois, a cada dia, continuo criando outras Cartas. Em tempo, observo que a escrita dessas cartas foi iniciada no dia 1º de março de 2024, quando as águas de março fecharam o verão. Portanto, o processo criativo só será concluído em 28 de fevereiro de 2025. Dessa forma, para mim, foi um desafio refletir apenas sobre algumas “Cartas Verdes”, que ilustram este artigo, pois, até o momento em que escrevo, já criei muitas para outras distintas margens. (Figuras 17,18,19 e 20).



Figuras 17,18,19,20. Viga Gordilho, 2024. “Cartas de Afeto para outras margens”: tecido tingido com folhas, bordados, contas e coisas bonitas que recolho pelos caminhos. Crédito da imagem: Pedro Salles.

As Cartas de Afeto foram se repetindo no mesmo formato, como se estivessem obsessivamente à procura da forma ideal, de ordenar as emoções entre as sete camadas, entretanto, cada módulo é único. Desse modo, uma imagem continuamente resgatou a outra: foi difícil parar de tecer, como a água que vai abrindo novos caminhos, mas também sabe desviar-se dos obstáculos.

Trata-se assim, de uma retrospectiva reflexiva de vida e arte, em que as palavras imagéticas ecoam plasticamente como símbolos. Não existem fronteiras

entre as linguagens que utilizo, pois, transito plasticamente entre a arte têxtil e várias técnicas de pintura (Figura 21).



Figura 21. Viga Gordilho, 2025. “Cartas de Afeto para as margens do Amazonas”: impressão de folha de fumo, fibras tingidas, linha vermelha e coisas bonitas que recolho pelos caminhos. Crédito da imagem: Ana Kruschewsky.

A foz, uma possível conclusão

Escrevendo este artigo, me veio a certeza de que as Cartas de Afeto são mesmo uma revisão de minha própria produção em arte, conectando tempos irreconciliáveis, perspectivas contraditórias e caminhos diversos, a partir dos quais pude também me reinventar. Ainda, me reinvento a cada dia, pois acredito que, no panorama atual do mundo em que vivemos, é importante articularmos, cada vez mais, conhecimentos pessoais, sociológicos e artísticos, na perspectiva de questionar a própria vida do planeta. Perceber o sentido da invisibilidade da cultura que caminhou e caminha nas margens fluviais, muitas vezes adormecidas. Assim, falo de particularidades que percebi em cada experiência.

Continuarei esperando, que as águas fluviais sejam salvas, uma vez que segundo o relatório mundial da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre desenvolvimento dos recursos hídricos revela dados alarmantes sobre as águas residuais, em que 80% vão parar nos rios e oceanos do planeta sem tratamento. Um terço dos rios do planeta está poluído, os piores casos estão na África, Ásia e América Latina, pontuando que água residual é aquela que sofre interferência por uso comercial, industrial ou doméstico, como o esgoto, por exemplo.

Sabe-se que os esgotos não tratados são aqueles que têm várias substâncias contaminantes. Tem muita bactéria que causa problemas de saúde como cólera, febre tifóide, que matam crianças principalmente. Só em 2012, mais de 800 mil pessoas morreram em decorrência da falta de saneamento básico. Nos oceanos, a descarga de águas residuais já atinge uma área de quase 250 mil quilômetros quadrados, destruindo ecossistemas marinhos e gerando impactos na atividade pesqueira. Um verdadeiro drama para a nossa vida, que muito me inquieta. Muito preocupante, porque nem se sabe que tipo de substâncias vem sendo lançadas na maioria desses países que não informam a característica dessa poluição, somada a seca, como já mencionei, que devasta muitas regiões. A seca que afeta o Amazonas e tem feito rios desaparecerem não é um fenômeno isolado, defende Ailton Krenak. Considerada por especialistas como a estiagem mais severa que já atingiu a região, a crise hídrica impacta, principalmente, populações ribeirinhas que têm dificuldade de conseguir abastecimentos básicos, como água potável e alimento.

Essas tristes perspectivas, me levam a tecer e pintar cada dia mais, usando harmonias cromáticas de cada território vivenciado, para trazer o belo, mas de forma reflexiva. Continuarei a Imaginar e contemplar, cada margem nas suas particularidades, acreditando que os rios precisam ser mais respeitados e mais cuidados para que os seus cursos, continuem eternos. O rio Amazonas, é um tesouro e como nos disse o poeta ludovicense Ferreira Gullar (1930-2016), “A arte existe porque a vida não basta”.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Manuel. **Memórias inventadas**: o apanhador de desperdícios. São Paulo: Planeta, 2003.

DIDI - HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DIDI - HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução Vera de Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GORDILHO, Viga. **ComparTRILHamentos poéticos**: um memorial em tempo gerúndio, Salvador: P55, 2020.

GORDILHO, Viga. Tecendo, tingindo e pintando Cartas de Afeto para as margens dos rios por onde passei. *In*: Encontro Nacional da ANPAP - Vidas, 33., João Pessoa, 2024. **Anais** [...]. João Pessoa: UFPB, 2024. Disponível em: www.even3.com.br/anais/33-encontro-nacional-da-anpapvidas-421945Vidas. Acesso em: 21 jan. 2025.

KRENAK, Ailton. Programa Bem Viver. Entrevista concedida a Lucas Weber. **Rádio Brasil Atual**, 19 out. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/19/rios-vivos-nao-sao-uma-ideia-viavel-dentro-de-uma-economia-capitalista-diz-ailton-krenak>. Acesso em: 19 jan.2025.

LARROSA, Jorge Bondía. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002. Disponível em: <https://sifpe.files.wordpress.com/2015/10/ferido-de-realidade-jorge-larrosa.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PEDRONI, Fabiana. (resenha) O que vemos, o que nos olha, ou, a silhueta que somos. **Nota Manuscrita**. 2021. Disponível em: <https://notamanuscrita.com/2021/04/08/resenha-o-que-vemos-o-que-nos-olha-ou-a-silhueta-que-somos/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

RIO AMAZONAS. *In*: WIKIPÉDIA Enciclopédia livre, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Amazonas. Acesso em: 16 de jan. 2025.

Sobre a autora

Orienta e ministra a disciplina Documentos de Percurso – Registros e Reflexões em Processos Criativos, junto ao Programa de Pós-Graduação de Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) através do Programa Especial de Participação de Professores Aposentados da UFBA (PROPAP). Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP) e da Academia de Ciências da Bahia (ACB). Vem realizando exposições em museus e espaços culturais de várias cidades brasileiras, europeias e africanas. Tem livros publicados e artigos em revistas nacionais e internacionais. Lidera o grupo de pesquisa MaMeTo CNPq. Atua também em curadoria e ações educativas em espaços museológicos. Em suas pesquisas atuais, tece Arte e Natureza.

vigagordilhofba@gmail.com

@viga_gordilho_art

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9373752051792705>

[Nota da editoria: Gostaríamos de agradecer, em especial, à autora que gentilmente aceitou o convite para contribuir com suas reflexões nesta edição.]

Como citar

GORDILHO, Viga. Cartas de afeto para as margens do Amazonas. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, *n.p.*. 1º Semestre de 2025. Doi 10.14393/EdA-v6-n1-2025-76842 (**versão ahead of print**)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.